
A linguagem oral na educação infantil

Cristiane Madureira Assis*

Orientador: Prof. Sérgio de Freitas Oliveira**

RESUMO

Este artigo teve como objetivo o relato de um estudo de caso realizado em uma escola pública de Educação Infantil, buscando trazer informações acerca do processo de aquisição da linguagem oral e suas etapas de desenvolvimento e a apresentação de atividades que contribuam para estimular o desenvolvimento da linguagem oral, principalmente da criança com deficiência mental, uma vez que o professor sentiu a necessidade dessa mediação na sala de aula, com seu aluno. Sabe-se que os alunos da Educação Infantil requerem uma didática que os torne sujeitos de suas ações. Sendo assim, o desenvolvimento da linguagem oral deve ser estimulado desde a infância

Palavras-chave: Linguagem oral. Educação Infantil. Deficiência Mental.

1 - INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96, em seu Art. 29, capítulo II “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”

Conforme estabelecido na Lei, o processo escolar tem início na Educação Infantil, permitindo identificar as particularidades dos alunos, como as dos alunos com deficiência mental, necessitando elaborar atividades que

desenvolvam as potencialidades desses alunos bem como a estimulação integral e as intervenções para atenuar possibilidades de desenvolvimento, decorrentes ou não de fatores genéticos, orgânicos ou ambientais. Na Educação Infantil, o ambiente educacional contribui muito para o desenvolvimento do aluno com e sem Deficiência Mental.

Para tanto, torna-se contexto escolar da Educação Infantil a existência de uma proposta pedagógica sistematizada, que tenha como eixo o brincar, o papel mediador do educador e a construção do conhecimento em rede (NÓVOA, 2002). Há uma necessidade de articular a linguagem oral, pois se deve diferenciar o saber técnico e o saber popular, visando

* Graduada em Pedagogia com ênfase em Necessidades Educacionais Especiais pela PUC Minas. crissassis10@yahoo.com.br

** Psicopedagogo. Professor do Curso de Pedagogia com Ênfase em Necessidades Educacionais da PUC Minas.

constituir um novo saber sobre o processo dos conhecimentos necessários e as valorizações socioculturais das comunidades e a identificação das suas práticas cotidianas, no que se refere aos cuidados, às interações socioafetivas e à educação dos alunos.

O presente artigo abordará estratégias que podem ser utilizadas pelo educador para o trabalho com a linguagem oral e sua abordagem para alunos com deficiência mental, sendo o professor o mediador dessa abordagem, mediante a dificuldade da escola em como lidar com um aluno que apresenta dificuldades e não é aceito pela família.

2 JUSTIFICATIVA

A elaboração deste estudo partiu da necessidade de compartilhar com os demais estudantes do curso de Pedagogia atividades que possam ser desenvolvidas na Educação Infantil para favorecer o desenvolvimento da linguagem oral do aluno com deficiência mental e dos demais alunos.

Sendo a Educação Infantil a primeira etapa sistematizada de ensino e aprendizagem à qual a criança tem acesso, compreende-se a necessidade do educador infantil desenvolver, nessa etapa da Educação Básica, estratégias que desenvolvam a aprendizagem da criança, juntamente com o desenvolvimento da linguagem oral e da escrita.

3 OBJETIVOS

Este artigo visa apresentar atividades que estimulem a linguagem oral dos alunos da Educação Infantil, em especial dos alunos com deficiência mental, com destaque para o aluno Guilherme (nome fictício), foco do estudo de caso.

Nessa perspectiva, procura-se também desenvolver a competência linguística e comunicativa dos alunos, ampliar o repertório de registros de fala/expressões e formas de comunicação e desenvolver habilidades relacionadas com o pensamento e a linguagem.

4 ESTUDO DE CASO

4.1 Caracterização do contexto educativo do aluno

Guilherme está no 3º período de uma escola particular situada na região noroeste de Belo Horizonte. A escola tem uma capacidade aproximada de 38 discentes distribuídos pela Educação Infantil e 1º e 2º ciclos. O nível socioeconômico da população escolar varia entre o limiar da pobreza e a classe média alta.

4.2 Caracterização ambiental do aluno

O aluno tem 5 anos, vive com os pais e um irmão mais velho (19 anos). O nível socioeconômico da família é médio; o pai é industrial e a mãe é secretária.

As relações familiares não parecem claras, faltam informações mais esclarecedoras.

O nível social do bairro onde vive é variável, existe habitação social, prédios, moradias de pequena e grande dimensão.

4.3 Nível educativo dos amigos fora da escola

Guilherme relaciona-se com crianças dos vários níveis econômicos e sociais. A relação que ele mantém com esses amigos é por vezes instável e com muitas brigas. A relação com os professores pauta-se por ser fechada, com pouca fala por parte do aluno, por isso a

necessidade da criação dessas atividades que serão expostas neste trabalho. Não se adapta facilmente devido à sua falta de capacidade de interação por vontade, e tem muita inibição.

4.4 Caracterização do aluno

É natural de Belo Horizonte, sempre frequentou a mesma escola, foi submetido a uma avaliação pela escola para ver o seu perfil, como atividade lúdica, com o objetivo de se ter um avanço, visto que os pais não contribuem com a escola. Veio acompanhado de relatório, por ter revelado algumas dificuldades, sendo então aconselhado a consultar o psicólogo e o oftalmologista. Os exames não revelaram nada de anormal. Como atividade extracurricular, frequenta uma escola de música.

4.5 História clínica

Não há nada diagnosticado, nenhum registro, no entanto, quanto ao estado sensorial (visão), e apesar de o exame oftalmológico nada revelar, o aluno sinaliza algum problema, pois não se expressa bem, tem uma fala ecológica e cortada, mas, quando quer, constrói frases – “Vejo tudo atravessado”, além disso apresenta característica, sintomas e comportamentos de uma criança que tem ou apresenta um retardo mental leve.

5 - REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento da linguagem oral das crianças constitui um dos objetivos da Educação Básica, juntamente com a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem escrita. (CONDEMARÍN; GALDAMES; MEDINA, 1997).

Segundo Condemarín, Galdames e Medina (1997), a competência linguística torna-se limitada quando:

- a) Só se enfatiza a função informativa da linguagem.
- b) É centralizada em um professor que só explica e interroga.
- c) Faz-se uso excessivo da metalinguagem, isto é, quando se usa denominação como prefixo, predicado etc., de forma descontextualizada e sem significado para as crianças.
- d) Limita-se a função interativa quase que exclusivamente a formular perguntas para os alunos e a esperar deles respostas breves ou monossílabas.
- e) Considera-se que a conversação e a atividade grupal dentro da sala de aula constituem um sinal de desordem.

Levando-se em consideração esses fatores apontados por Condemarín, compreende-se a necessidade de o professor apresentar ao aluno atividades que o ajudem a desenvolver a sua competência linguística. Essas atividades devem ser criativas e significativas para o público da Educação Infantil.

Ao ingressarem no sistema escolar, as crianças já têm certo domínio da linguagem oral e este domínio deve ser ampliado. Sendo a escola um espaço de interação social, ela pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos, desde que ofereça profissionais capacitados e um ambiente propício à aprendizagem, especialmente ao aluno com deficiência mental. Sendo o professor o mediador do processo de ensino-aprendizagem, ele exerce grande influência na ampliação do vocabulário dos pequenos, já que trabalha diretamente com eles.

É através da linguagem que o indivíduo

conhece o mundo, é a partir dela que expressa seus sentimentos e seus desejos. A respeito do desenvolvimento da linguagem oral, Condemarín, Galdames e Medina (1997) afirmam:

À medida que as crianças vão precisando expressar significados novos e mais complexos, vão adquirindo formas de linguagem novas e mais complexas, diversificando-as segundo seus propósitos e os contextos em que ocorra a comunicação. A conversação com pessoas de maior domínio linguístico desempenha importante papel nesse processo (CONDEMARÍN; GALDAMES; MEDINA, 1997, p. 13).

A competência linguística dos alunos expande-se quando os professores desempenham papel ativo na estruturação de situações que os levam a enriquecer as distintas funções da linguagem e a obter um domínio progressivo de distintos registros de linguagem flexíveis e adaptados ao seu contexto situacional. (CONDEMARÍN; GALDAMES; MEDINA, 1997, p. 14).

Falar é uma atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado. (SAPIR, 1969).

A criança com deficiência mental apresenta dificuldades na aprendizagem de conceitos abstratos, tende a esquecer fatos com facilidade e apresenta dificuldades na resolução de problemas, mas não significa que não tenha a capacidade de aprender.

As etapas do desenvolvimento normal da linguagem se caracterizam de acordo com a idade do indivíduo. No caso da criança com deficiência mental, o desenvolvimento da lin-

guagem oral pode ser marcado por um atraso, em virtude de outras dificuldades decorrentes da deficiência, mas isso não quer dizer que a criança não tenha essa capacidade. Uma prática pedagógica que respeite suas limitações é essencial para a sua aprendizagem. De acordo com Casanova, citado por Dias (2009), cada etapa da evolução da linguagem é marcada por aspectos morfossintáticos:

Na Pré-linguagem:

- a) De 0-6 meses: os primeiros sons produzidos, de forma repetitiva, são uma espécie de treinamento do aparelho fonador, denominado balbucio.
- b) De 6-9 meses: as vocalizações já começam a adquirir entonação, ritmo, tom, etc.
- c) De 9-10 meses: a criança já vocaliza com mais intensidade e já procura espaçar e encurtar mais as vocalizações, para dar espaço ou lugar às respostas advindas do adulto.
- d) De 11-12 meses: a criança já agrupa sons e sílabas e é capaz de compreender algumas das palavras que são mais comuns ao seu cotidiano, como: papai, mamãe, etc.

No primeiro Desenvolvimento Sintático:

- a) De 12-18 meses: Há um crescimento na quantidade de compreensão e na quantidade de produção de palavras. Esta fase é marcada por um prolongamento semântico, ou seja, a criança chama de cachorro a todos os animais que vê.
- b) De 18-24 meses: Surgimento de construções frasais compostas de dois ou mais elementos e construções interrogativas (quê, onde?). As orações negativas começam a ser empregadas por meio da palavra não, isolada ou usada no princípio ou final do enunciado.

Por exemplo: *durmi não*.

c) De 24-30 meses: Fase caracterizada pela Fala Telegráfica, chamada assim, por não fazerem parte do discurso as principais palavras-função, como artigos, preposições, flexões do gênero, número, pessoa e tempos verbais. A criança se expressa usando somente substantivo-verbo-substantivo.

Na expansão Gramatical Propriamente Dita:

a) De 30-36 meses: Surgimento das primeiras frases coordenadas (*papai não está e mamãe não está*). Aparecimento e uso mais sistemático dos pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa (*eu, tu, ele, ela*) e dos artigos (*o, a*). Surgimento dos advérbios de lugar.

b) De 36-42 meses: a criança aprende a estrutura das orações complexas, de mais de um período, com o uso frequente da conjunção e o aparecimento das subordinadas *mas*, *porque* e das estruturas comparativas *mais que*. Noções iniciais do uso dos relativos *que*. Há um aumento considerável na complexidade das frases interrogativas; os auxiliares *ser* e *ter* são empregados, na grande maioria das vezes, em sua forma correta, o que possibilita à criança o uso do passado composto. Começam a aparecer as perífrases de futuro. A criança, nesta fase, já é capaz do exercício de brincar com a linguagem e, frequentemente, passa a exibir-se ou mostrar-se, com seu modo de empregá-la.

c) De 42-54 meses: Nesta fase, as diversas estruturas gramaticais completam-se mediante o sistema pronominal (*me, te, se*), os pronomes possessivos, os verbos auxiliares, etc. – existe uma eliminação lenta, mas progressiva, dos erros sintáticos e morfológicos. Surgimento das estruturas da voz passiva, as-

sim como algumas outras formas ainda mais complexas de introdução de frases nominais (*depois de, também, etc.*); estas estruturas, no entanto, não estarão completamente consolidadas até que sobrevenha a idade compreendida em torno dos nove ou dez anos. O uso correto das principais flexões verbais; o infinitivo, o presente, o pretérito perfeito, o futuro (em forma de perífrase), e o passado. As diferentes modalidades possíveis no discurso (*afirmação, negação, interrogação*) vão tornando-se cada vez mais refinadas e mais complexas. Os advérbios de tempo passam a ser empregados com uma maior frequência (*agora, depois, hoje, amanhã, etc.*), ainda que subsistam muitas confusões no modo de empregar os advérbios temporais e espaciais.

Nas últimas aquisições:

a) Aos 54 meses: A criança aprende as estruturas sintáticas mais complexas; passivas, condicionais, circunstâncias de tempo. Aperfeiçoa aquelas com as quais já estava familiarizada. Além disso, diversas estruturas de frase vão aperfeiçoando e generalizando-se (diversos usos da voz passiva, conexões adverbiais), não chegando, porém, a uma completa aquisição até os sete ou oito anos de idade, aproximadamente. As crianças começam a apreciar os diferentes efeitos de uma língua ao usá-la (*adivinhações, piadas, etc.*) e a julgar a correta utilização de sua própria linguagem. Tem-se o início das atividades linguísticas.

6 METODOLOGIA E ELABORAÇÃO DAS ATIVIDADES

Em virtude da dificuldade de abstração que o indivíduo com deficiência mental apresenta, este artigo sugere quatro tipos de atividades que permitem o contato do aluno com

o material concreto e a sua participação de maneira ativa. Das atividades sugeridas, duas serão para a realização em sala de aula pela aluna, para as professoras e coordenadoras da escola. Estas se referem à “Caixa Surpresa” e “Música da Bicharada” e as demais serão descritas passo a passo.

6.1 Caixa Surpresa

Idade: A partir de 3 anos.

Tempo: 15 minutos.

Espaço: Sala de aula.

Material: Uma caixa e objetos (escova, bola, carrinho, boneca, princesa, pião, etc.).

Objetivos: Despertar o interesse por ouvir o colega, desenvolvimento da linguagem, criatividade e percepção.

A caixa surpresa é uma caixa construída pela professora, contendo diversos objetos (escova, caneta, pente, caixa de creme dental, bolas coloridas, sabonetes, objetos que emitem som, etc.). Essa caixa tem uma pequena abertura onde cada aluno colocará a mão e irá tirar um objeto surpresa. O aluno, ao retirar o objeto surpresa, deverá descrevê-lo, indicando sua cor, tamanho, cheiro, sua utilidade e se emite som ou não.

6.2 Música: A Bicharada

Idade: A partir de 3 anos.

Tempo: 10 minutos.

Espaço: Sala de aula ou quadra.

Objetivo: Trabalho com memorização, coordenação motora, linguagem e atenção.

Letra da música:

A bicharada

Lá vem o crocodilo

O orangotango

As duas serpentes

E a águia real

O gato

O rato

Não faltou ninguém

Só não se via

Os cães pequineses

À medida que a música é cantada, é feito o gesto representando cada animal. Repete-se a música, tirando um animal por vez, até que, finalmente, restem apenas os gestos.

6.3 Compartilhando Experiências

Idade: A partir de 4 anos.

Tempo: De 30 a 40 minutos.

Espaço: Sala de atividades.

Material: Fotos ou objetos relacionados aos relatos e uma caixa para guardá-los, caderno ou gravador.

Objetivos: Contar de forma cada vez mais organizada as próprias experiências e despertar o interesse em ouvir os colegas.

As crianças vão falar ou se expressar à sua maneira, sendo livre essa participação, de suas experiências pessoais, como os passeios de férias, os encontros com familiares, as brincadeiras com animais de estimação e acontecimentos marcantes. É preciso organizar a turma sentada em roda e explicar como será a atividade. Deve-se deixar à disposição dos pequenos, materiais que ajudem a organizar as lembranças e tragam mais detalhes das experiências. É necessário definir com a turma quantos dias da semana serão utilizados para o trabalho e providenciar um caderno ou um gravador para que as crianças possam rever

seus relatos, fazer acréscimos ou reorganizá-los.

6.4 Todos São Autores

Idade: A partir de 4 anos.

Tempo: De 10 a 15 minutos.

Espaço: Sala de atividades ou biblioteca.

Material: Fantasia e fantoches.

Objetivos: Despertar a criatividade, o respeito pela fala do outro e o discurso narrativo.

As crianças devem estar sentadas em roda. O professor começa contando uma história que elas conheçam bem, um conto ou uma fábula. Repentinamente, para e pede a elas que continuem, sendo fiéis ao texto ou inventando. As crianças vão contando até um determinado trecho e, em seguida, o professor retoma, lendo a história original. É possível também inverter a ordem, pedindo que os pequenos contem ou criem o início. Fantoches e fantasias devem ficar à disposição para a atividade ficar mais interessante.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da linguagem oral deve ser estimulado desde a infância, pois é exatamente nessa fase que deparamos com o processo de aquisição da linguagem oral mais fortemente e o educador pode trabalhar com vários recursos, como: contos infantis, músicas, teatro, atividades lúdicas etc.

É através da linguagem que o indivíduo conhece o mundo e expressa seus desejos, vontades e necessidades. Quando a criança aprende a falar, ela procura explorar ao máximo esta competência e é neste momento que o adulto que está mais próximo a ela deve se mostrar mais atento às suas indagações.

A criança amplia seu vocabulário a partir do contato com pessoas mais experientes.

É importante que professor, ao elaborar seu plano de aula, tenha conhecimento das etapas do desenvolvimento da linguagem, das necessidades da faixa etária com que trabalha e das limitações de seus alunos, principalmente tendo um aluno com uma deficiência, não por causa da doença ou síndrome em si, mas pelo potencial que esse aluno tem e precisa ser trabalhado. Para que a sua prática não seja agressiva a eles, necessita um olhar, de maneira a enxergar o outro e as suas habilidades dentro das suas limitações. Assim como nas demais etapas, os alunos da Educação Infantil requerem uma didática que os torne sujeitos de suas ações.

No caso do Guilherme, essas atividades foram de grande riqueza na construção da linguagem oral, pois a escola teve um aproveitamento surpreendente, ele se encontra em um nível de fala considerado bom, não apresenta cortes nas palavras e suas frases são mais claras e objetivas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M.C. Fragmentos sobre a rotinização da infância. *Revista Educação e Sociedade*, v. 25, n. 1, p. 93-114, 2000.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.
- CONDEMARÍN, Mabel; GALDAMES, Viviana; MEDINA, Alejandra. *Oficina de linguagem: módulos para desenvolver a linguagem oral e escrita*. São Paulo: Moderna, 1997.

223p.

DIAS, Adriana Martins. Desenvolvimento da linguagem. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/educador/gentefina/linguagem.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2009.

FERREIRA, Maria Beatriz. O processo de aquisição da linguagem oral e escrita. Disponível em: <<http://www.nutead.uepg.br/cefortec/pdf/artigo08.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2009.

NÓVOA, A. (Org.). As organizações escolares em análise. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SAPIR, Edward. A linguagem: introdução ao estudo da fala. São Paulo: Perspectiva, 1969.